

# TEVE DÚVIDAS

Olhou para um lado, olhou para o outro. Lembrou-se, num segundo, que bastava observar o semáforo. Ele estava verde. Colocou o pé direito na faixa de pedestres e, mais rapidamente ainda, pulou para trás, voltando ao mesmo lugar na calçada. Sentiu-se segura, como se aqueles 15 centímetros acima da pista representassem o mesmo que um porto seguro, depois de meses à deriva no mar.

O sinal fechou, reabriu novamente e ela titubeou, outra vez, pensando se deveria ainda cruzar a avenida, como se fosse aquela uma longa travessia, sobre a qual deveria refletir intensamente, mesmo que, apenas, em frações decimais de tempo. Olhava a pista da esquerda e o excesso dos faróis branco-amarelados dos carros que vinham representavam clareza demais neste momento de hesitação. Olhando para a pista direita, as lanternas dos que iam, com seus vermelhos gritantes, reconfortavam seu cérebro, confirmando, como dezenas de sinais fechados, que a decisão de não atravessar era a mais acertada.

Deu meio volta e andou um pouco pela calçada na esquina da Ebertstraße com a Potsdamer Platz, observando, vez ou outra, o verde-amarelo-vermelho do semáforo. Olhou para os prédios que estavam, antes, às suas costas. Lembrou-se da primeira vez em que veio a Berlim.

Passaram-se 40 anos e, como um relâmpago, de tão rápido e tão claro, um filme passou pela sua cabeça, possibilitando-lhe rever tudo que acontecera naquela semana longe no tempo. Desfilara pela primeira vez em Paris, na semana anterior. Fora escolhida para a equipe de manequins de Courrèges, que já havia se notabilizado desde os anos de 1960, por desenhar coleções em que o ponto alto eram as minissaias “inventadas” por Mary Quant. Achou graça de constatar, agora, que, naqueles idos, não se utilizavam, ainda, as expressões modelo ou *top model*. Ficara exausta, em função da sequência de ensaios, de provas de roupas, de ajustes, de maquiadores e cabeleireiros que corriam, alguns de modo afetado demais, fazendo tudo parecer um turbilhão. Quando entrou na passarela no terceiro dia, viu Heitor sentado na segunda fileira, acompanhando a editora principal da revista Elle. Achou-o bonito e viu que ele não tirou os olhos do seu corpo cor de jambo, especialmente atraente numa Europa invernal. Foi o que se chamaria de amor à primeira vista. Viveram noites memoráveis em Paris e, em seguida, tiveram uma espécie de lua de mel, nos três dias de folga, em que ele a levou a conhecer Berlim.

Sentiu, agora, uma vertigem parecida com a que sentira naquele primeiro dia em que seus olhares se cruzaram. Constatou que não poderia ficar ali na calçada olhando aquela paisagem urbana de concreto e vidro, enquanto os carros, na Ebertstraße, continuavam a circular e parar, conforme o comando dos semáforos ordenava, como uma orquestra, que mesmo mal ensaiada, é capaz de parar ou recomeçar imediatamente ao sinal dado pela batuta do maestro. Gostava deste bairro novo de Berlim, erguido em faixa de terra que antes pertencia à Berlim Oriental e que era hoje o setor de prédios altos e modernos que os berlinenses chamam de “torres de vidro”.

Imaginou que o mal estar poderia ser fome, dobrou à direita duas vezes, para chegar à Potsdamer Square e entrar no Ristorante Essenza, o que lhe parecera tão seguro como chegar à sua casa depois de uma longa viagem. Sempre gostou de comida italiana e, neste caso, combinava-se com uma decoração contemporânea que tinha tudo a ver com ela.

Assim que transpôs a porta dupla, retirou o casaco elegante, o chapéu, o cachecol de cashmere e as luvas. A sensação de tontura aumentou e duvidou que fosse apenas necessidade de comer alguma coisa, porque logo, de modo meridiano, buscou no inconsciente a constatação de que a lembrança dele sempre lhe trazia uma dorzinha no fundo estômago.

Olhou o cardápio e, antes mesmo de se decidir entre uma massa ou um risoto, solicitou ao maître a carta de vinhos. Os brancos são os mais apreciados na Alemanha, mas o frio lá fora e a dorzinha que insistia, como um latejo profundo, exigiam algo mais quente, que tivesse capacidade de adormecer um pouco o corpo e, sobretudo, esquentar a alma. Escolheu um tinto Bordeaux, forte, encorpado, de tom rubi, e as lembranças machucaram outra vez: esta era a cor de batom que Heitor preferia que usasse.

Resolveu contornar estes comandos rememorativos que sua cabeça (seriam do seu coração?) insistia em disparar trazendo ele de novo para o centro da sua vida. Abriu a agenda de couro da marca Montblanc, na qual gostava de anotar tudo, usando três cores diferentes de tinta. Vermelho para os compromissos profissionais. Preto para as tarefas cotidianas. Azul para tudo que desse muito prazer na vida. Começou a riscar o que conseguira fazer na semana e constatou que tudo ocorrera como o planejado. Havia ido aos museus que queria rever. Às lojas de roupa que mais gostava na cidade. Tomara um chá com os chocolates mais famosos de Berlim no Rausch Schokoladenhaus. Tinha perambulado pelas ruas em que se concentravam os antiquários e encontrara, no Antiquariat Gotho & Motzke, na Friedlstr, 52, mais uma xícara de porcelana branca e azul para sua coleção maravilhosa. Visitara dois velhos amigos.

Diariamente, conversava, pelo skype, com sua equipe de jornalismo no Brasil, para fechar a edição de dezembro da revista de moda, da qual era editora – a principal do país. Seguiu meticulosamente todas as manhãs, no quarto do hotel, por 30 minutos, seu programa de exercícios, para evitar que os anos que passavam lhe deixassem com um andar cansado. Fizera tudo como deveria fazer, como sempre teria feito, conforme o que fora meticulosamente pensado, num esforço (inútil, bem sabia ela) de contestar a tese de que não podemos controlar todas as variáveis na vida.

Não pôde fazer isso em sua relação com Heitor. Imponderável, ele era um homem de comportamentos plenos de arroubos, de gestos inusitados, de iniciativas que variavam, segundo seu humor e sucesso profissional, de acordo com os tipos de ambientes e pessoas que o cercavam. Lembrou, com um pouco de ressentimento, que sempre buscava compensar este perfil, com o seu, marcado pelos autocontroles, pelas iniciativas de se comportar exatamente como o esperado pela família, pelas grandes grifes para as quais desfilou, pela indústria da moda, pela mídia que conduz e faz deste mundo das vaidades, um grande negócio.

Bastou pensar nisto e se lembrou de que deveria retocar a maquiagem. Poderia algum jornalista deste *métier* entrar e ela não poderia deixar de parecer perfeita. Algo que só se permitira, na vida, quando Heitor deixou o apartamento *dúplex* em que moravam no 5°. *Arrondissement* em Paris, sem explicar o porquê, e ela permaneceu dias sem se maquiar, deixando as lágrimas acentuarem as olheiras contras as quais lutara a vida toda.

Foram 37 anos de vida conjugal. Por causa dele e com ele, passara a vida social em ambientes sofisticados; deixara de ter filhos, pois ele achava que isso tiraria a liberdade da vida a dois; escolhera ficar com os amigos dele, uma vez que, se não eram, ele faria parecer que fossem muito mais interessantes que os seus; passara a visitar cada vez menos o Brasil, onde estava sua família, para estar com a dele; deixara de ouvir MPB em favor da ópera, o estilo preferido dele.

Bastaram estas lembranças e o torpor agradável que o Bordeaux propiciava para lhe ocorrer que estava na hora de mudar tudo, de ter menos certezas, de seguir menos scripts, de ponderar menos todos os pró e contras a cada vez que uma decisão teria que ser tomada.

Olhou novamente para o cardápio e se sentiu bem de admitir que não sabia exatamente o que escolher. Ficou feliz de perceber que a opção seria mais sensitiva que racional, sem necessidade de avaliar o número de calorias, o teor de glúten ou as probabilidades de uma digestão mais ou menos demorada. Teve enorme prazer em não procurar as razões pelas quais teve dúvidas ao se propor a atravessar a rua.

O tom e o brilho do vinho na taça pareceram melhor que tudo na vida, neste momento em que decidia que poderia ser outra. Chamou o garçom e lhe pediu que jogasse sua agenda no lixo. Embaixo da mesa, independentemente de alguém notar o detalhe, retirou os pés de seus sapatos de salto alto e fino, um dentre os vários de sua coleção Louboutin, e sentiu-se uma menina como se estivesse de novo na praia de Iracema, em Fortaleza.

Carminha Beltrão

Dezembro de 2016